



[Atribuição BB CY 4.0](#)

Oficina de memórias e afetos em uma pesquisa autoetnográfica: uma possibilidade metodológica

Valéria Pereira da Silva¹

Lucimar Rosa Dias²

Resumo

O artigo apresenta uma oficina que foi desenvolvida tomando de empréstimo pressupostos da Autoetnografia e foi realizada como metodologia de escuta de professoras negras no âmbito de uma pesquisa de mestrado em educação realizado na Universidade Federal do Paraná. A proposta é apresentar a experiência desenvolvida como uma estratégia que fomenta a escrita de si e a partilha de narrativas a partir de memória e afeto, especialmente, entre mulheres negras. Após a pesquisa a oficina foi aplicada em diferentes espaços formativos e de pesquisa, com públicos diversos, incluindo docentes e migrantes. Os resultados indicam que a metodologia contribui para o letramento racial, colabora com a troca de afetos e emoções e se constitui como caminho metodológico.

Palavras-chave

Autoetnografia; Educação Antirracista; Memória e Afeto; Feminismo Negro; Metodologia de Pesquisa

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), servidora pública do município de Curitiba. Membro do ErêYá. E-mail: valeriasilvapedagoga@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), professora da Universidade Federal do Paraná, Coordenadora do ErêYá. E-mail: lucimardias@ufpr.br

Recebido em: 01/04/2025

Aprovado em: 11/10/2025



Autoethnography: the memories and affections workshop, an anti-racist education and academic research

Abstract

This article presents the workshop Autoethnography: Memories and Affections as a methodology developed within the scope of a master's research in education. The proposal aims to foster self-writing and the sharing of narratives based on memory and affection, especially among Black women. Grounded in autoethnography, the workshop combines pedagogical practices and creative writing through symbolic objects, encouraging attentive listening, self-reflection, and the recognition of both individual and collective knowledge. The methodology was applied in various educational settings, engaging diverse audiences, including teachers and migrants. The results indicate that the workshop contributes to racial literacy, emotional well-being, and the strengthening of antiracist education. It is concluded that the practice promotes epistemological shifts by integrating theory and experience as legitimate forms of knowledge production.

Keywords

Autoethnography; Antiracist Education; Memory And Affection; Black Feminism; Research Methodology

Este artigo discorre acerca da oficina “Autoetnografia: memórias e afetos”, principal metodologia desenvolvida na investigação de mestrado intitulada “Professoras negras em Curitiba-PR e suas narrativas sobre educação das relações étnico-raciais no ensino fundamental” produzida por Valéria Pereira da Silva, sob a orientação de Lucimar Rosa Duas, aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa e concluída no ano de 2022, na Universidade Federal do Paraná.

Antes de apresentar a oficina e discutir suas potencialidades, julgamos necessário oferecer uma breve introdução ao método autoetnográfico — abordagem que orientou a pesquisa e se relaciona diretamente com a proposta das oficinas. A etnografia tem origem nas ciências sociais e é amplamente adotada por antropólogos. Constitui-se como um método que pressupõe a imersão no campo de pesquisa, por meio da observação participante, do uso de diários de campo e da vivência direta com os sujeitos envolvidos.

Entre as décadas de 1970 e 1980, o debate e a reflexão sobre a escrita etnográfica provocaram transformações significativas na antropologia. Até então, observava-se que, ao transpor a experiência de campo para a redação etnográfica, a vivência pessoal de pesquisadores/as era, por vezes, banida pelos critérios do texto científico: o tempo verbal, o pronome, a impessoalidade e o distanciamento. Mesmo diante de uma experiência etnográfica marcada por intensa participação, leitores/as constataavam facilmente que um dos dois — o/a pesquisador/a (etnógrafo/a) ou o/a interlocutor/a (etnografado/a) — desaparecia (Silva, 2022). Carmem Lúcia Guimarães de Mattos (2011) explica alguns dos motivos pelos quais isso ocorria:

Etnografia - Grafia vem do grego *graf(o)* significa escrever sobre, escrever sobre um tipo particular - um *etn(o)* ou uma sociedade em particular. Antes de investigadores iniciarem estudos mais sistemáticos sobre uma determinada sociedade, ele escrevia todos os tipos de informações sobre os outros povos por eles desconhecidos. Etnografia é a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo (Mattos, 2011, p.53).

Diante de intenso debate, que trouxe um novo “frescor”, renovando pensamentos e estratégias à forma de fazer ciência, a etnografia passou a não negar a experiência pessoal e a explicitação das intersubjetividades entre

pesquisadores/as e interlocutores/as. Ao invés de falar pelo/a outro/a ou sobre o/a outro/a, passa-se a falar com o/a outro/a, por meio de uma escrita dialógica e polifônica. O fazer científico movimenta-se para a aproximação entre as reflexões teóricas sobre a construção autobiográfica e etnográfica. Estava lançada a possibilidade de construção de um método que faria a hibridização dessas duas possibilidades. Chamamos atenção para a contribuição de Daniela Beccaccia Versiani (2005), que escreve acerca do neologismo possivelmente vislumbrado na palavra “autoetnografia” — uma proposta para caracterizar diferentemente a etnografia. Segundo a autora,

O prefixo *auto* serviria para impedir a tendência à supressão das diferenças intragrupos, enfatizando as singularidades de cada sujeito — autor, enquanto o termo *etno* localizaria, parcial e pontualmente, estes mesmos sujeitos em um determinado grupo cultural. Assim poderíamos pensar em autoetnografias como espaços comunicativos e discursivos através dos quais ocorre o ‘encontro de subjetividades’, a interação de subjetividades em diálogo (Versiani, 2005, p. 87).

Versiani (2005) aponta um modo específico de construir um relato a partir de si mesmo, da ótica daquele que escreve. Segundo a autora, é possível fundamentar o conceito de autoetnografia, que se torna útil para superar dicotomias entre autobiografias e etnografias. A presença do prefixo *auto*, garante o aparecimento das diferenças intragrupais, nas quais as singularidades dos sujeitos são consideradas. O termo *etno* remete ao pertencimento a um grupo cultural, ocorrendo, assim, a ligação entre o subjetivo e o coletivo.

Silvio Matheus Alves Santos (2017, p.214) corrobora esse entendimento ao afirmar que a autoetnografia “pode ser reconhecida como metodologia científica e crítica capaz de desvendar, em sua maneira autorreflexiva, novos e profícuos caminhos para a pesquisa sociológica”. O autor reforça que esta metodologia é, ao mesmo tempo, produto e processo. Sua escrita ocorre em primeira pessoa e, por conseguinte, é desse lugar que os relatos pessoais (autobiografias), ao lado daqueles de quem se pesquisa, compõem o texto acadêmico. De acordo com ele:

Podemos dizer que a autoetnografia é um método que se sustenta e se equilibra em um “modelo triádico” baseado em três orientações: a primeira seria uma orientação metodológica — cuja base é etnográfica e analítica; a segunda, por uma orientação cultural — cuja base é a interpretação: a) dos fatores vividos (a partir da memória), b) do aspecto relacional entre o pesquisador e os sujeitos (e objetos) da pesquisa e c) dos fenômenos sociais investigados; e por último, a

Fica evidente que a reflexividade assume o cerne de uma investigação autoetnográfica, assim como a constante conscientização, avaliação e reavaliação realizadas por pesquisadores/as, Versani afirma que:

Torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma outra realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois, ou mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos. Paradigmas de experiência e interpretação estão dando lugar a paradigmas discursivos de diálogo e polifonia [...] um modelo discursivo de prática etnográfica traz para o centro da cena a intersubjetividade de toda fala, juntamente com seu contexto performático imediato (Versiani, 2005, p.66-67).

Sendo um método de pesquisa que valoriza a dimensão sociocultural dos acontecimentos estudados, a autoetnografia compreende a pesquisa como algo vivo e orgânico, em que pesquisadores/as são transformados/as ao tratar com os/as interlocutores/as. Estes/as, por sua vez, também se modificam, devido à sustentação do método, que se baseia na observação direta dos comportamentos sociais e na pesquisa de campo.

Portanto, entendemos que a autoetnografia é valorizada em seu caráter político e transformador, uma vez que assume uma postura em “favor de quem se fala” (Santos, 2017, p. 219). “Desta forma, a autoetnografia é uma proposta teórica, metodológica e analítica para falarmos de racismo, sexismo e de diversas outras formas de opressão, sofridas por pessoas negras, sobretudo no âmbito da Educação” (Silva, 2022 p.176).

Acreditamos que a autoetnografia é um método potente e intenso, que pode ser utilizado na investigação e na escrita de trabalhos no campo educacional e tem como proposta basilar descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender essa dimensão em seu aspecto cultural. Trata-se de impregnar-se dos temas de uma sociedade, de seus ideais e de suas angústias.

Dessa forma, utilizam-se princípios de autobiografia e de etnografia para fazer e escrever autoetnografias. Nesse sentido, pesquisadores/as passam a se compreender como parte do seu *lócus* de estudo. Na pesquisa já mencionada, Silva (2022) a pesquisadora-autora apresenta percepções e narra as próprias experiências de professora e mulher negra, pois estava atravessada pelo objeto de pesquisa, como constamos a seguir:

Compreender a trajetória de vida de professoras negras que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental na rede municipal de ensino de Curitiba e o motivos pelos quais elas se comprometeram no exercício de sua docência com o desenvolvimento de práticas pedagógicas para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”. Para então elucidar “Quem são as professoras negras da rede municipal de ensino de Curitiba que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental que desenvolvem práticas pedagógicas para a educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana? (Silva, 2022, s.p)

Quando pessoas socialmente minorizadas e vulnerabilizadas — em regra, populações LGBTTT, negros, negras, indígenas, entre outros — chegam às instituições universitárias, muitas vezes por meio das cotas sociais e/ou raciais, geram um movimento de subversão na rotina destes espaços. Isso porque ocorre um deslocamento por parte de quem chega, rompendo com o que havia se cristalizado: a homogeneidade entre quem se sentava nas carteiras e quem se ocupava do trabalho docente. Com isso, modos de existência antes silenciados vêm à tona, o que reposiciona a percepção para além da história tida como universal por parte de pesquisadores/as em relação aos/às interlocutores/as das pesquisas.

Esta ação vem na esteira da produção de novas metodologias, tal como a autoetnografia, que é uma metodologia de pesquisa que reconhece os/as sujeitos/as como parte do processo — como ocorreu na dissertação de Silva:

Eu sou uma dessas pessoas que chegam a um programa de pós-graduação a partir de ações afirmativas. Local que imaginei não ser possível. O que tem contribuído no fortalecimento de minha identidade de mulher negra e nesse sentido, narrar minha própria história e de outras professoras negras, experiências que se tornam conhecimentos (Silva, 2022, p.40-41)

Assim a opção por caminhar pela estrada da autoetnografia se concretiza devido ao entendimento de que se trata de uma metodologia que busca incluir diferentes vozes culturais em experiências textuais e que acolhe a pesquisadora e as interlocutoras em uma relação horizontal. Portanto, a observação, a descrição e a análise acompanham a percepção da pesquisadora, que também compartilha experiências iguais ou muito próximas das interlocutoras — no caso desta pesquisa, ou ainda, é a própria pessoa quem pesquisa o/a sujeito indagado/a.

Tal abordagem permite um texto escrito em primeira pessoa, dando vazão à conexão entre a pesquisadora e a pesquisa, como a própria experiência exige. Sobre isso, Versiani (2002, p. 68) explica que a “própria inserção social,

histórica, identitária, e, em especial no caso de subjetividades ligadas a grupos minoritários, [pode funcionar] também como um possível modo de conquistar a visibilidade política” (Versiani, 2002, p. 68). A mesma autora sinaliza que:

Na busca por modelos alternativos de autobiografias e etnografias, construídos não mais a partir do pressuposto do sujeito unívoco, estável e metafísico, ou da autoridade do etnógrafo e de seu distanciamento em relação ao seu ‘objeto de estudo’, mas sim a partir de uma noção de subjetividade construída de modo relacional, ou dialógica também permitem pensar que textos de autoconstrução de subjetividades (coletâneas de autobiografias, as próprias autobiografias e memórias, cartas, e-mails etc.) podem ser lidos como textos com valor de etnografia e vice-versa, havendo as duas formas de escrita (auto e etnografias) aspectos intercambiáveis (Versiani, 2002, p. 69)

763

Por isso, a autoetnografia permite atentar para a interação entre os sujeitos, e não apenas para um momento da trajetória de indivíduos. Trata-se de um pressuposto teórico sistêmico, sincrônico, diacrônico e menos dicotômico. Assumir uma postura autoetnográfica requer atitudes autorreflexivas, atentas às intersubjetividades de sua própria subjetividade, circunstanciada pela inserção em diferentes grupos socioculturais. Fabrício Tetsuya Parreira Ono (2017, p. 49) contribui dizendo que:

No que se refere ao realismo, tanto a perspectiva do/a autor/a-pesquisador/a, quanto a dos/as interlocutores/as-participantes são utilizadas, assim a investigação objetiva apresenta uma representação, por meio da escrita, algo mais próximo do real, por meio do uso de experiências pessoais na descrição e na construção de sentidos de experiências apresentadas (Ono, 2017, p. 49).

Inspiradas em Ono (2017), apresentamos alguns termos e procedimentos do fazer autoetnográfico. Verificamos que há uma sobreposição e uma fusão na percepção das terminologias. Embora saibamos que existem outras possibilidades, a escolha se deu pela precisão com que Ono (2017) aponta o que é e como fazer. Essa elucidação objetiva contribuir com pesquisadores/as interessados/as no fazer autoetnográfico. Sendo assim, com esses termos e procedimentos em mente, é possível a realização de autoetnografias.

Quadro 1 – Fazer autoetnográfico de acordo com Ono (2017)

Conceitos/caminhos autoetnográficos	Procedimentos
Autoetnografia analítica	O/a pesquisador/a se como integrante de uma comunidade de pesquisa, refletindo sobre sua experiência nesse contexto e descrevendo as contribuições teóricas para a investigação em momentos distintos e apartados da narrativa.
Relatos de pesquisa e entrevistas reflexivas	As experiências do/a pesquisador/a são utilizadas para complementar, ampliar e/ou contextualizar o campo de trabalho, as entrevistas e as análises.
Etnodramas	Escrita de roteiros e performances cênicas que dão vida às experiências dos/as participantes, em diálogo com a construção de sentido elaborada pelo/a pesquisador/a a partir dessas vivências.
Narrativas em camadas	Refletem e retratam a relação entre experiência pessoal/cultural e interpretação/análise, por meio da justaposição de fragmentos de experiências, memórias, introspecções, pesquisas, teorias e outros textos que refratam e ampliam essa articulação entre vivência e análise.
Impressionismo	Narrativas que evidenciam como o espaço e o local vertem, informam e moldam identidades e experiências. Focam nas impressões provocadas por esses ambientes sobre o/a autoetnógrafo/a e sobre o/a leitor/a.
Narrativas temporais, sensoriais e físicas	Exploram experiências pessoais e culturais por meio das lentes do tempo, dos sentidos e do corpo físico. Esses textos buscam proporcionar ao/à leitor/a uma imersão sensorial que abrange visão, sons, olfato e texturas presentes na narrativa.
Entrevistas interativas	Caracterizam-se pela troca de experiências, culturas e epifanias entre duas ou mais pessoas, com o objetivo de oferecer uma visão múltipla e impressionista dessas vivências. Permitem participação significativa no processo de entrevista, reduzindo a distinção entre entrevistador/a e entrevistado/a.
Narrativas co-construídas coletivamente e autoetnografia colaborativa	Histórias construídas por múltiplos narradores/as em torno de uma experiência comum, de questões sociais ou de epifanias compartilhadas.
Expressionismo	Assim como nas artes, busca um movimento de dentro para fora, com o intuito de trazer à tona sentimentos e representar emoções a partir de uma perspectiva subjetiva. Essa abordagem converge para a compreensão de que a construção de sentido é situada, e que o sentimento pode definir o que compõe ou não determinada “situação”.
Narrativas confessionais	Focam em experiências específicas do/a pesquisador/a durante o trabalho de campo, evidenciando as transformações que ocorrem em sua trajetória como resultado do processo investigativo.
Testemunhos colaborativos	Têm como foco as experiências dos/as participantes, construídas de forma solidária e sustentadas por um relacionamento profundo e comprometido entre os/as parceiros/as de pesquisa.
Interpretações emocionais	As emoções e trajetórias do/a pesquisador/a e dos/as participantes constituem o núcleo da narrativa.
Textos devocionais	Prestam homenagens a outras pessoas, envolvendo cuidado, criação e/ou sustentação de comunidades espirituais.

(continua).

(continuação).

Conceitos/caminhos autoetnográficos	Procedimentos
Narrativas do espaço e local	Demonstram como o espaço e o local vertem, informam e moldam as identidades e experiências. Estas narrativas são focadas nas impressões causadas por estes espaços e lugares ao autoetnógrafo e ao leitor.
Autoetnografia comunitária	Pesquisadores/as colaboram com membros de uma comunidade para investigar e encontrar respostas para assuntos específicos e, geralmente, de cunho opressivo.
Autoetnografia crítica	Baseia-se em críticas de identidades culturais, experiências, práticas e sistemas culturais, assim como em questões de desigualdade e injustiça.
Textos informadores	Os membros de grupos marginalizados e subordinados criam representações que iluminam os trabalhos e abusos de poder em cultura, pesquisa e representações, servindo para corrigir as imprecisões e danos de pesquisas anteriores.
Escrita performática	A escrita em si aproxima, desempenha a experiência e as culturas que estão sendo discutidas. Sintetiza-se a escrita performática em “escrita é fazer” em vez de “escrita é significado”. Em autoetnografias performáticas, a ideia, o conceito, experiências e/ou culturas guiam as formas e a estrutura do trabalho.

765

Fonte: Adaptado de Ono (2017).

Existem diversas formas para o fazer autoetnográfico. A escrita pode ser reflexiva, crítica e menos hierárquica, autobiográfica, ficcionalizada ou poética. O uso de metáforas, dramas e narrativas em camadas, dentre outras possibilidades, constitui-se como uma prática pedagógica que ocupa um lugar entre ciência e arte.

De um lado, a ciência é rigorosa, ética, voltada à capacidade analítica. De outro, a arte valoriza a estética e o emocional e, por conseguinte, vale-se de técnicas da literatura para dar amparo ao escrito. Ambas convergem na compreensão de que há uma tensão entre a experiência subjetiva e o mundo acadêmico, e que a centralidade da escrita é uma voz implicada por valores culturais, linguagens, subjetividades, organização social e poder, questionando verdades universais em prol de um conhecimento político situado.

Diante das contribuições mencionadas, do ressignificar do campo das ciências sociais e da combinação com estratégias literárias, podemos afirmar que a autoetnografia não é um exercício narcisista, tampouco uma escrita egocentrada em detrimento do compromisso ético e político do/a autor/a com o universo estudado. De acordo com Silva (2022, p.17):

É a partir das percepções de quem sou e como essas identidades foram construídas que iniciei essa pesquisa me identificando como mulher negra e me propondo a pesquisar com outras mulheres negras. A imersão neste universo se dará por meio de narrativas orais e escritas que me envolvem em todos os aspectos. Faço parte desse contexto de materiais vivos, observo os acontecimentos e ao mesmo tempo vou me constituindo no processo o que me permite mudar de posicionamento ao longo da minha caminhada.

A partir desta compreensão inicial sobre a etnografia e o método autoetnográfico, foi que nos inspiramos para elaborar a oficina “Autoetnografia: memórias e afetos”, que se tornou uma importante metodologia para o desenvolvimento da pesquisa. Deste modo, ela será delineada a seguir, e apresentaremos algumas de suas possibilidades e os resultados encontrados a partir de sua realização.

766

Oficina: Autoetnografia – memórias e afetos: primeiros passos

Fazemos parte do grupo de estudo e pesquisa ErêYá e compreendemos que a aprendizagem acontece quando a ensinagem perpassa pelo corpo, pelo lúdico. Ao longo desta trajetória grupal, desenvolvemos oficinas antirracistas com o intuito de discutir a cultura africana e afro-brasileira, assim como formar mediadores/as que possam levar a discussão para os diferentes espaços educacionais. Integrantes do grupo escreveram o artigo “Educação antirracista uma prática para todos/as, um compromisso ainda de poucos/as” (Dias et al., 2021). Nele, descrevem-se as ações do grupo como agente antirracista. O consideramos como educação antirracista é:

Ser antirracista é uma posição política assumida perante a vida e se configura em práticas que ocorrem em espaços escolares ou fora deles. Para a realização de uma educação antirracista é necessário explicitar veemente contrariedade com o discurso racista presente: no currículo escolar, nas propagandas disseminadas em meios midiáticos, nos modos como pessoas negras e indígenas são tratadas socialmente e produzir outro currículo, outras representações destes grupos que reconheçam nele beleza, inteligência, enfim a humanidade na sua plenitude tanto quanto (Dias et al., 2021, p.303)

No mesmo artigo, relata-se a experiência de elaboração de oficinas e sua contribuição para uma educação antirracista,

Uma das vertentes de ação tem sido a realização de oficinas pedagógicas antirracistas que tem o intuito de produzir outras representações da população negra, nas quais a beleza, a inteligência, enfim a humanidade é ressaltada já que pesquisas no campo da educação (DIAS, 1997, PEREIRA, 2019, ASSIS, 2019, CARDOSO, 2018), dentre outras áreas tem apontado que a desumanização de negros e negras tem passado por desvalorizar a corporeidade negra e suas culturas (Dias et al., 2021, p. 309, p. 301).

Deste modo a criação desta oficina é parte da nossa produção acadêmica neste grupo que chamamos e quilombo acadêmico e “perpassa por constituir um espaço seguro, dialógico e de interação do aprender fazendo” (Dias et al., 2021, p. 309). Está relacionada à pesquisa, aos estudos e às práticas em diálogo com os temas infâncias e mulheres negras, foco do grupo de pesquisa. Por isso, ao pensar em narrativas de pessoas negras durante o mestrado e, concomitantemente, na atividade profissional — cujo objetivo era a elaboração do livro “ErêYá” — fomos imbuídas do sentimento-reflexão: como fazer? Como fomentar um relato que evidenciasse as perspectivas e os desafios da população negra entrelaçando a pesquisa com a escrita criativa? A oficina veio como resposta.

Na primeira vez em que ela foi desenvolvida, pela primeira autora que a criou, dividimo-la em cinco momentos. O objetivo era acionar a escrita criativa para a produção de um livro. Solicitou-se a cada participante que levasse um objeto que fizesse parte de suas memórias afetivas. Foi neste momento que percebemos a grandeza do que estávamos tecendo. Camila Matzenauer dos Santos e Gisela Reis Biancalana (2017, p. 45) dizem que:

Sabe-se que os autoetnógrafos não usam apenas ferramentas metodológicas e a literatura para analisar a experiência, mas também a experiência pessoal é utilizada para ilustrar facetas da experiência sociocultural. Ao fazê-lo, expõem os aspectos singulares e familiares para os insiders e os outsiders.

Adentramos as experiências pessoais a partir de objetos disponibilizados os/as participantes para que narrassem suas histórias. Os objetos despertavam memórias. É a vida se manifestando, as vidas que se inter cruzando. Observamos, ainda, que mesmo quando os/as partícipes eram de territórios diferentes e não se conheciam, episódios de racismo e outras formas de opressão se repetiam. A autoetnografia se fazia presente — era o fio condutor, pois as histórias compartilhadas não eram únicas e exclusivas dos/das relatores/as, elas evidenciavam uma experiência coletiva.

Após esta experiência, passamos a utilizar a estratégia de forma contínua, e sabíamos que tínhamos algo a ser sistematizado, devido ao impacto que momento causava em nós e nas pessoas que a vivenciavam. Até então, realizávamos a oficina como uma “técnica” dentre as atividades. No segundo momento em que a realizamos — no Seminário do ErêYá, em 2023 - ela foi batizada com o nome: “Oficina de memórias e afetos”. Desta vez, organizamos uma mala com diversos objetos: colher de pau, brinquedos, livros, retalhos, fotografias, dentre outros. Tínhamos na roda cerca de 40 pessoas.

Um aspecto relevante desta experiência é que se trata de uma oficina viva, que se reconstrói dependendo do grupo ao qual se destina. Embora tenha um escopo pré-definido, cujo objetivo é refletir sobre as relações raciais, seu percurso depende da entrega e do perfil dos/as participantes — e, por isso, ela caminha de formas distintas. A metodologia não tem um fim, pois as experiências compartilhadas repercutem e ressignificam outras vidas. Os caminhos que vamos trilhar, quando ela começa, não podem ser previstos.

É uma oficina repleta de ancestralidades. Asicineiras e os/as partícipes se modificam após cada execução. É um percurso orientado pela poética, pois trata de lembranças, memórias e escrevivências na interlocução entre vidas que se inter cruzam. Portanto, existe uma beleza que pode levar a conexões mais profundas com a sociedade e consigo mesmo/a. Durante a oficina no seminário foi emocionante conversar sobre as experiências do grupo, percebendo que, independentemente da idade — pois havia de adolescentes até as mais velhas —, foi possível estabelecer trocas muito positivas.

Após esse movimento, a oficina começou a ser solicitada em espaços diferenciados. Outras integrantes do grupo de pesquisa passaram a ministrá-la em atividades de formação e eventos científicos. É o que chamamos de validação no e pelo grupo, obtendo resultados muito próximos daqueles que havíamos encontrado. Ela se tornou uma das oficinas mais ofertadas pelo grupo.

Em uma das ocasiões, foi realizada na cidade de Curitiba-PR, com docentes e o resultado foi sensacional: os/as profissionais da educação falaram sobre suas experiências pedagógicas e sobre a educação das relações étnico-raciais. Nesses primeiros passos, uma experiência foi decisiva para a validação da contribuição social desta metodologia.

Em novembro de 2023, a Rede de Mulheres Negras do Paraná promoveu um encontro de autocuidado e a oficina foi desenvolvida durante o evento. Muitas

mulheres tiveram a possibilidade de falar e ouvir sobre suas lutas diárias e suas sobrevivências. Estávamos próximas e vivenciamos uma experiência ancestral, explicada pelos valores civilizatórios afro-brasileiros (Trindade, 2018), em que o contato com a natureza e as histórias partilhadas nos impregnou de coragem para os enfrentamentos do dia a dia relacionados às opressões de raça, gênero e classe.

Nesta ocasião, nos sentimos revitalizadas pelo riso, pela força, e, de alguma forma, sabíamos que não estávamos sós. A cada mulher do círculo que trazia sua história, apresentava sua contribuição para o mundo e, com isso, nossas próprias histórias eram ressignificadas pelo sentimento de vitória. A luta e a dor de uma são a luta e a dor de todas. Entretanto, as conquistas e vitórias de uma têm impacto e reverberam sobre todas que ouvem. Foi um momento lindo de autocuidado.

As participantes, de diferentes profissões e territórios, falaram de suas emoções mais profundas — inclusive de reconexão com a ancestralidade, ao saber da religiosidade de seus antepassados. Conforme conceito que criamos na dissertação, trata-se de um momento de partilha da Afrosororidade (Silva, 2021), ou seja, o que nos marca como mulheres e/ou pessoas negras não é somente da Dororidade (conceito importante de Vilma Piedade, 2019), há entre nós outra dimensão que denominamos de Afrosororidade. Este novo conceito vem inspirado pelas teorias do feminismo negro que impulsiona mulheres negras a escreverem e criarem teoria.

Desta maneira, a oficina está relacionada e se orienta por uma perspectiva de educação antirracista. Isso não significa que apenas pessoas negras possam participar; ao contrário, são bem-vindos/as tanto negros/as quanto não negros/as. A oficina convida todas as pessoas, por meio dos objetos expostos, a acessarem suas memórias e a compartilhá-las na roda, em uma conversa franca e acolhedora. Assim, todos/as que consideram agenciar a educação antirracista podem — e devem — participar.

Em 2024, desenvolvemos a oficina várias vezes com docentes — professoras e professores do ensino básico e superior —, inclusive com migrantes. Foi muito rico refletir sobre raça e sobre como pessoas negras migrantes, ao perceberem o racismo ao chegar no Brasil, puderam captar essas nuances das histórias de travessias e compreender as interfaces do racismo. Ela colabora com discussões que dialogam com diferentes áreas, tais como: educação antirracista, saúde mental, cultura e histórias de vida, dentre outras.

Diante de tudo que foi dito, acreditamos ter despertado o interesse de quem nos lê sobre como acontece a oficina, qual é o seu passo a passo. Entretanto, cabe destacar — pelo que já apresentamos — que não se trata de uma técnica desprovida de um compromisso ético com a justiça social e com a equidade racial. Quem a realiza necessariamente deve partir do princípio da escuta afetiva do outro (a). E, claro, a entrega dos/as envolvidos/as fará toda a diferença na experiência.

Para experienciar a Oficina Autoetnografia: memórias e afetos



A oficina começa com a escolha de quem irá desenvolvê-la e com a seleção dos objetos que comporão o momento. Antes da chegada dos/as participantes. O/aicineiro/a prepara o ambiente, dispondo os objetos no chão ou sobre uma mesa, nós sempre usamos o chão coberto de capulanas. É importante ter visual atrativo. Temos uma estética no grupo ErêYá que envolve: capulanas, bonecas negras, livros de autoria negra, objetos sonoros, instrumentos musicais de origem afro-brasileira e africana.

Na nossa mala de objetos também incluímos: espelho, relógio, vestido de noiva, objetos de cozinha, pentes de diversos formatos, elementos de diferentes religiões, materiais escolares, suporte de diploma, elementos decorativos, tecnológicos e culturais. A ideia é diversificar os tipos de objetos, de modo que possam acionar distintas memórias. Estes objetos ficam no centro do espaço onde os/as participantes se sentarão. Indicamos que as cadeiras, tapetes ou almofadas estejam dispostos em círculo.

A oficina, propriamente dita, é dividida em três momentos, a saber:

1. Sensibilização, acolhimento e contextualização;
2. Vivências e discussão conceitual;
3. Registro e compartilhamento com o grande grupo.

No primeiro momento: 1 – Sensibilização, acolhimento e contextualização, iniciamos a oficina com uma atividade de apresentação. Importante que o grupo esteja organizado em círculo e cada participante tenha a oportunidade de se apresentar de modo que o grupo já comece a criar um vínculo. Além de dizer o nome, pode-se propor que tragam outras informações pessoais. É um momento de criar laços e a escolha da dinâmica para isso é bem importante.

No grupo, todas as pessoas devem se apresentar. Pode-se iniciar com a leitura de um poema, de acordo com a característica predominante do grupo: trabalhadoras, migrantes, professoras, mulheres negras, entre outras possibilidades.

Uma forma de acolhimento é dividir o grupo em duplas. Cada pessoa conversa com seu par e, no grande grupo, a apresentação acontece de forma invertida — ou seja, cada sujeito apresenta a pessoa com quem fez dupla. Outra sugestão para esse momento é distribuir no chão imagens com temáticas diversas. Cada participante escolhe uma e, no grande grupo, compartilha o motivo de sua escolha. A atividade de aproximação entre o grupo depende do número de participantes. Estas estratégias citadas foram experienciadas em diferentes circunstâncias e funcionaram bem, pois contribuíram com temas que discutidos no processo de conversar sobre as memórias. Enfim, aqui é o momento do “quebra-gelo”, da aproximação entre as pessoas.

No segundo momento: 2 – Vivências e discussão conceitual, retoma-se a ideia de espaço seguro por meio de combinados, tais como:

- assegurar que o compartilhamento só aconteça se a pessoa se sentir à vontade para fazê-lo;
- garantir que as histórias compartilhadas não saiam do espaço;
- praticar a escuta ativa, sem julgamentos ou preconceitos;
- não se desculpar por emoções sentidas.
- reafirmar que estamos em um espaço de humanização e de segurança.

É nesse momento que se dialoga sobre o nome da oficina, contextualizando-a no tempo e no espaço e trazemos para a roda alguns conceitos preciosos para a o grupo com o qual se está trabalhando, por exemplo, se é um grupo de pessoas negras pode-se trazer conceitos do Estatuto da Igualdade Racial ou tomar como base outros documentos normativos que amparam uma discussão antirracista, feminista etc.

Nunca deixamos de trazer a questão racial e a participação nesta oficina tem ajudado as pessoas a reconhecerem que a história da população negra passou por um processo de invisibilização e apagamentos, expressos em práticas sistemáticas de crueldade — histórias essas que, muitas vezes, foram contadas por seus algozes. Como nos ensina bell hooks (2019, p.78)

A construção social do eu “em relação” significava, então, que conheceríamos as vozes do passado que falam em e para nós, que

estariamos em contato com o que Paule Marshall chama de “nossas propriedades ancestrais” — nossa história. Porém, são precisamente essas vozes que são silenciadas e reprimidas quando somos dominados. É essa voz coletiva que lutamos para recuperar.

Dominação e colonização tentam destruir nossa capacidade de conhecer o eu, de saber quem somos. Nos opomos a essa violação, a essa desumanização, quando buscamos a reflexão e trabalhamos para reunir os fragmentos do ser, para conhecer outras versões da história destes grupos marginalizados socialmente. Este processo permite que vejamos este outro de maneira emancipatória, pois as reflexões produzidas não são mais configuradas ou determinadas somente pela condição do dominador (hooks, 2019).

A compreensão que pretendemos levar ao grupo no processo da oficina é a de que existe uma disputa por espaço — e que é um direito das pessoas acessarem as narrativas de pessoas negras (e de outros grupos). Há um acúmulo de conhecimentos, saberes e estratégias que nos fizeram sobreviver até aqui, que nos inspiram para o futuro, e que é importante que todos/as conheçam. Neste momento o foco pode variar a depender do público.

No terceiro momento: 3 – Registro e compartilhamento, chama-se a atenção dos/as participantes para os objetos dispostos no centro do círculo. Orienta-se que cada pessoa escolha um objeto com o qual tenha se conectado e, em seguida, escreva algo sobre ele. Os/as participantes têm um tempo para a escolha e para a escrita dos motivos que os levaram a pegar aquele objeto — e não outro.

Algumas perguntas podem ajudar nesse processo: O objeto está relacionado a qual tempo — passado, presente ou futuro? Ele te faz lembrar alguém? Quem? Como o objeto selecionado se relaciona com sua vida profissional e pessoal? Quais sentimentos ele desperta? Qual é a sua história? É neste momento que podemos compreender algumas dores — e, quem sabe, deixá-las ir. Trata-se de um agenciamento construído a partir da experiência, entrelaçado com a vida e suas demandas: a teoria funcionando como prática curativa, como nos ensina hooks,

[...] Vivendo na infância sem ter a sensação de um lar, encontrei um refúgio na “teorização”, em entender o que estava acontecendo. Encontrei um lugar onde podia imaginar futuros possíveis, um lugar onde a vida podia ser diferente. Essa experiência “vivida” de pensamento crítico, de reflexão e análise se tornou um lugar onde eu trabalhava para explicar a mágoa e fazê-la ir embora.

Após essas reflexões, os/as participantes são incentivados/as a escrever um texto — do gênero que melhor lhes faça sentido: poesia, crônica, carta — expressando a memória-afeto que foi vivenciada. É possível que alguns queiram desenhar, pintar, colar. Não existe certo ou errado: é um momento de cada participante consigo mesmo/a, um tempo de olhar para si e refletir. Não se trata de relatar somente as dores, mas é possível que a dor também venha à tona — e, se isso acontecer, o relato será acolhido.

É importante reservar um tempo para que os/as participantes possam escrever. Após a escrita, no grande grupo, retomam-se os combinados sobre o espaço seguro, e convidamos as pessoas ao compartilhamento do texto memória-afeto. Ao término da oficina, caso algum/a participante demonstre interesse, poderá conversar individualmente com aicineira. Por vezes, é possível realizar um encaminhamento ou oferecer uma orientação, especialmente quando se trata de relatos que envolvam denúncias de violência ou maus-tratos.

Para hooks (2019) “enfrentar o medo de se manifestar e, com coragem, confrontar o poder, continua a ser uma agenda vital para todas as mulheres” (2019, p. 19). Sendo assim, o feminismo negro não pode ficar restrito aos espaços acadêmicos, devido ao compromisso assumido em romper com o silêncio. Trata-se de uma prática que estimula pessoas negras — em especial, as mulheres — a se manifestarem, a contarem suas histórias, transformando dores em gestos de autorrecuperação individual e coletiva.

Conceição Evaristo, em entrevista para a *Revista Catarinas*, fala sobre a importância da escrita como processo de cura.

A medida em que eu entro na adolescência a escrita passou a ser para mim um lugar de eu desaguar todas as minhas dúvidas tanto é que eu tinha um diário e aí a escrita entra muito como um suporte eu acho que adolescência que eu tive que uma adolescência também de extrema pobreza de muitas interrogações de muitas dificuldades já vivendo mesmo a questão racial que eu estudava numa escola onde a maioria era de alunas e alunos brancos então algumas coisas para mim eu não tinha resposta aliás eu aliás nada eu tinha resposta eu sabia que alguma coisa estava fora do lugar mas eu não sabia o que onde como e a escrita entra como exercício de falar dessas coisas fora do lugar de indagar essas coisas de fugir dessa realidade mas ao mesmo tempo me potencializar para enfrentar a realidade eu acho que se eu não tivesse e se eu não escrevesse não lesse na adolescência eu fico sempre achando que o adoeceria do ponto de vista emocional eu acho que surtaria Talvez como suporte me ajuda a estar de pé porque se eu não escrevesse eu não sei dançar não sei cantar então a escrita para mim é o modo como eu acesso o mundo como eu acesso a vida (Evaristo, 2016, p. 36-37)

hooks e Evaristo corroboram a ideia de que as mulheres negras sabem que é necessário reinventar a vida e continuar lutando para reconhecer sua dor e encontrar formas de curá-la. Aprender a se amar é uma forma de encontrar a cura. São pessoas que encontram caminhos, com a “coragem de esquecer os lamentos” (Lima, 2017, p. 23), e constroem possibilidades de mundos melhores. Para hooks, a escrita sempre foi um santuário, um lugar de confissão, onde nada precisava ser escondido ou mantido em segredo. A escrita sempre foi um dos lugares de cura em sua vida.

A memória e a narrativa exercem um papel fundamental nesse processo de cura. A memória traz o registro de diferentes experiências sociais. Tomamos o sentido da experiência plena pela natureza coletiva de sua construção e entendemos a narração como caminho de partilha e recriação dessas experiências (Silva, 2022).

Ouvimos histórias impactantes. Entendemos que é necessário falar sobre as dores para que estas possam ser ressignificadas ou, até mesmo, curadas. A oficina surge a partir da teoria como uma possível prática de cura, pois articula, simultaneamente, três dimensões fundantes para o feminismo negro: o corpo que é voz, a prática que é coragem e a ética que é compromisso com epistemologias voltadas à dignidade humana.

Considerações finais

A oficina mira em profissionais da educação e na comunidade escolar, pois tem como objetivo refletir sobre vidas silenciadas, histórias invisibilizadas, significados e perspectivas da educação antirracista — especialmente considerando que as autoras transitam entre a educação básica e a pós-graduação a partir da perspectiva autoenográfica, isto é, estimula-se que as pessoas falem de si, experienciem os afetos advindos do compartilhamento de suas memórias.

Há benefícios para todos os públicos. Ela funciona bem como uma ferramenta de autoconhecimento, contribuindo para a saúde mental e emocional. No entanto, pessoas negras, por serem potenciais vítimas de discriminação racial, xenofobia e racismo religioso, são as que mais se beneficiam ao participarem da atividade.

Os/as profissionais da educação trazem experiências de docência acumuladas ao longo de suas trajetórias, tanto profissionais quanto pessoais. O trabalho com histórias, com as escrevivências aparece como uma possibilidade

de contraposição aos movimentos de aceleração da vida e da docência, buscando um processo de formação e construção de saberes humanizado, existencial e partilhado. Trata-se de uma interrogação do tempo *Chrónos* & *Kairós* (Ferreira, Arco-verde, 2001), valorizando a multiplicidade dos tempos e das experiências plenas.

A intensidade do debate racial pode variar de acordo com a raça/cor dos/as participantes. Para pessoas negras, é inevitável que os afetos e as memórias, em algum momento, perpassem pelas interfaces do racismo. Já pessoas não negras podem ser despertadas para o diálogo sobre as relações étnico-raciais. O letramento racial é uma pauta da sociedade brasileira, portanto, negros/as e não negros/as se beneficiam da oficina.

Ela tem se mostrado como uma estratégia pedagógica potente para a disseminação de informações e, por meio do diálogo e da escrita, produz fissuras na naturalização de perspectivas racistas. A experiência em desenvolver a oficina tem mostrado que muitos/as antepassados/as dos/as participantes são reposicionados na história — teorizar e recuperar vozes silenciadas é prática de autorrecuperação.

Outra constatação observada entre os/as trabalhadores/as, especialmente da educação, é a necessidade de tempo para falar sobre suas dores e amores, ou seja, de apartar-se da rotina de produção constante para refletir sobre o exercício do magistério e o clima organizacional, que, se não pensado, conduz a uma automatização violenta e desumanizante.

Narrar oralmente ou por meio da escrita sobre vidas que se inter cruzam — pois as histórias narradas não são isoladas de um tempo e espaço, mas acontecem de forma coletiva, refletindo a sociedade de determinada época — é fazer a autoetnografia. Ao final da oficina, os/as participantes relatam o que sentiram ao vivenciar a experiência, e muitos/as dizem que se sentiram bem, que foi uma oportunidade de se conhecer e se reconhecer nas histórias compartilhadas, encontrando as humanidades que lhes foram usurpadas.

Cerca de 400 pessoas já passaram por essa experiência. Na trajetória de elaboração e efetivação da oficina, tivemos docentes que afirmaram ser possível aplicá-la com seus/suas estudantes, com algumas adaptações. Já foi usada em uma segunda pesquisa de mestrado por outra membra do grupo. Esse processo criativo — do qual a primeira autora deste artigo é a idealizadora — tem produzido uma inversão epistemológica no que diz respeito à produção de conhecimento,

pois ela não se intimidou e acreditou que mulheres negras, na academia, podem (re)fazer novas formas de pesquisar, que não separam a vida da produção do conhecimento na academia.

Referências

BRAGANÇA, I. F. S. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

CURITIBA. Narrativas Afro-curitibanas: Histórias de luta, de dor e do orgulho negro em Curitiba. **Secretaria Municipal de Educação**. 2020.

DIAS, L.R. at el. Educação Antirracista uma Prática para Todos/As, Um Compromisso Ainda De Poucos. (2021). **Kwanissa: Revista De Estudos Africanos E Afro-Brasileiros**, 4(11). Recuperado de <https://cajapio.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/17602>.

EVARISTO, Conceição. REVISTA CATARINAS, Disponível em: <atarinas.info/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstroi-a-historia-brasileira/>. Acesso em 31 Mar. 2025.

FERREIRA, V. M. R., & Arco-Verde, Y. F. de S. (2001). Chrónos & Kairós: o tempo nos tempos da escola. *Educar Em Revista*, 17(17), p. 63–78. Recuperado de <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2068>.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da Liberdade. Trad. Marcelo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2013

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

LIMA, Aidil Araújo. Mulheres sagradas. Cachoeira: Portuário Atelier, 2017. _____. Como escreve Aidil Araújo Lima. **Como eu escrevo**. Entrevista concedida a José Nunes. Disponível em: < <https://comoeuescrevo.com/aidil-araujolima> > Acesso em: 31 mar. 2025.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida, (Orgs). Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: **EDUEPB**, 2011. pp. 49-83. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2025.

ONO, Fabrício Tetsuya Parreira. **A formação do formador de professores: uma pesquisa autoetnográfica na área de língua inglesa**. 2017. 157f. Tese. Doutorado em Letras – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-12052017-153239/pt-br.php>. Acesso em: 30 mar. 2025.

PIEIDADE, V. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2019.

SANTOS, Camila Matzenauer dos; Biancalana, Gisela Reis. Autoetnografia: um caminho metodológico para a pesquisa em artes performativas. **Revista Aspás**. Vol. 7, n. 2, 2017. São Paulo. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/137980>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.113972. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SILVA, Valéria Pereira da. **Professoras negras em Curitiba-PR e suas narrativas sobre educação das relações étnico-raciais no ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2022.

TRINDADE, A. L. da. **Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil**. 2018. Disponível em: <https://reaju.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/07/valores-civilizatc3b3rios-afrobrasileiros-na-educac3a7c3a3o-infantil-azoilda-trindade.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2025.

VERSIANI, D. B. **Autoetnografias**: conceitos alternativos em construção. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

VERSIANI, D. B. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. **Letras de Hoje**, v. 37, n. 4, 1 jul. 2002. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14258>. Acesso em: 19 ago. 2022.

